

DA MORTE PARA A VIDA: Uma teologia da Cruz

Todos sabemos que a cruz é sinal de morte. Poderíamos porém chegar a vê-la como símbolo de uma passagem da morte para a vida? A tarefa parece árdua sobretudo para quem nela padece. O cristãos sempre viveram a glória da cruz e onde há glória certamente que existe vida. Busquemos os fundamentos e o mistério dessa teologia da Cruz.

Falar de uma teologia da Cruz é falar de um Deus que passou pela cruz assumindo-a em todas as suas dimensões e transformando-a num instrumento de libertação.

E preciso pensar sobre a morte a partir da vida, abordar a cruz a partir da lógica da vida, pregação e prática de Jesus. Narrativas, mais próximas da história precisamente em razão de sua menor medida de terminologia teologicamente interpretativa, permitem reconhecer tal lógica do conflito entre a atividade de Jesus e os seus ouvintes e adversários. Não tanto pretensões messiânicas explícitas ou uma qualificação cultural da sua vida e morte, mas uma praxis de Jesus, em que esta implícita a pretensão messiânica, é que leva à contradição e for fim a oposição inimiga e mortal. Na verdade, os evangelhos sinóticos, os conflitos que se deslançaram foram esclarecidos a luz do fim, mas não tornam tão visíveis a motivação de Jesus adequada à situação. O seu voltar-se para os excluídos, passando por cima da lei que os segregava, as curas realizadas sob a urgência presente do Reino de Deus a irromper, o seu menosprezo pelas leis do sábado e de pureza por causa do amor que imediatamente se impunha, é por semelhantes "provações" que surge e se avoluma a oposição das instâncias que representam a lei. A atividade de Jesus na vida converte-se em história de conflitos que leva à morte violenta; vida e morte acham-se assim ligadas por incessante motivação, e que, na verdade, não tornam as interpretações isoladas posteriores da

sua morte (com compreensão cultural) dispensáveis, mas sim secundárias. A cruz torna-se então figura da vontade operosa de Jesus de agir e curar, demonstrando que Jesus é conseqüente e que não se retira da arena da luta pelo que optou: ela não é somente figura da vontade antes passiva de autodoar na morte. É a persistência ativa, que não se dobra e continua a curar, que o leva à morte. Contra o fundo das outras interpretações que predominaram na história até ao presente (sofrimento expiatório, renúncia a agir), abre-se uma compreensão acessível ao atual horizonte de experiência e práxis.

Esta compreensão pode apelar para as referências centrais teológicas da vida e mensagem de Jesus; não deve ser desqualificada como se fosse menos religiosa e fosse uma “racionalidade” que desviasse do mistério de Jesus. Pois a atividade de Jesus que lança o conflito acontece como sinal do Reino de Deus, em obediência à vontade e à missão dada pelo Pai, no impulso do amor que se volta para os homens, e, portanto, com as mesmas referências que nas interpretações culturais se viram diluídas e obscurecidas. As duas séries de categorias (histórica e culturais) não se excluem mas se necessitam mutuamente: a prontidão para a morte da parte de Jesus que realiza a salvação insere-se nas categorias culturais e retira delas seu isolamento em autofinalidade; e, vice-versa, o motivo pelo qual Jesus age integra-se, pela inserção na entrega que Jesus fez de si a Deus e pelos homens, no mistério indivisível do Reino de Deus e na sua filiação, preservando-se de nivelamento redutivo a agir “meramente” intramundano e intra-humano. Mais importante é corrigir uma compreensão “dolorista” e de passiva tolerância da cruz, substituindo-a pela compreensão da cruz que intensifica e radicaliza a decisão ativa de Jesus. Excluir-se-ia, assim, da origem bíblica um abuso ideológico da cruz que consiste em favorecer a tolerância do sofrimento e em desfavorecer o agir transformador e libertador.¹

1. CONTRIBUIÇÃO PAULINA PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA TEOLOGIA DA CRUZ.

Falar de uma teologia da Cruz sem falar de Paulo ou dos escritos paulinos seria, no mínimo, empobrecê-la da grande riqueza que a mesma pode nos oferecer. Paulo foi pioneiro em desenvolver uma Teologia da Cruz e fazer da mesma motivo para gloriar-se. Segundo o teólogo Leonardo Boff, “*o trabalho teológico de Paulo tem duas principais fases. Na primeira Paulo esta dominado pela temática da ressurreição (cf. as duas primeiras cartas aos Tessalonicenses). A segunda verifica-se uma virada teológica onde dá-se ênfase a uma Teologia da Cruz ou*

1. Dietrich WIEDERKEHR, *Cruz/sofrimento*. Em Peter EICHER (edit.), *Dicionário de conceitos fundamentais de teologia*. São Paulo, Paulus, 1993, p. 145

uma Teologia do Cristo Crucificado. <<Pois eu resolvi entre vós não saber coisa alguma, senão Jesus Cristo, e este crucificado>> (1Cor 2,2). Logo no início da carta enfatiza: <<Nós pregamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios, mas poder e sabedoria de Deus para os chamados, quer judeus, quer gregos>> (1Cor 1,23-24).

Paulo se vê obrigado a elaborar uma teologia da Cruz. Sua teologia é nascida de uma situação muito concreta, ligada a discussões na comunidade. Se não houvessem existido tais problemas, talvez Paulo jamais iria tematizar a problemática da Cruz. Ela portanto não é um tema em si. O tema principal é a ressurreição que inaugurou a novidade do mundo (da morte para a vida). Mas seu pano de fundo é a morte. Só com este pano de fundo tem sentido falar em ressurreição. Caso contrário seria mitologia grega. Não haveria nada de novo. Por isso, cedo ou tarde, na elaboração teológica iria surgir esta problemática da Cruz. Mas em concreto ela foi motivada devido a algumas distorções que se verificaram nas comunidades de Corinto. Nesta confrontação de Paulo com seus inimigos teológicos aparece o significado dado por ele à morte de Cristo... É neste contexto que Paulo desenvolve uma teologia da Cruz. Paulo responde com argumentação arrasadora, refutando ponto por ponto, à luz de uma teologia da Cruz e do Cristo crucificado: *Christos stauroménos*. A Cruz denuncia esta fanfarronice, desmascara esta demonstração de potência própria e de perfeição farisaica. A Cruz mostra o que é toda a bondade do mundo: loucura e esterco. Se o mundo pudesse salvar, se a sabedoria dos gregos pudesse redimir os homens e se a lei judaica com seus milagres pudesse libertar, a Cruz seria totalmente desnecessária. Mas se houve Cruz, isso denuncia o fracasso de toda a sabedoria grega e de toda a santidade judaica. é loucura e escândalo. Há só uma sabedoria: a da Cruz. A sabedoria grega e judaica é mentira e para nada leva; leva ao que levou na comunidade: inversão de todos os valores e amoralidade e discriminação de um grupo sobre o outro. O batismo cria comunidade com o Senhor (1 Cor 1,9) e o Espírito que aí recebem não é para divisão, mas para união (1 Cor 12); os carismas não são para autopromoção mas para a edificação da comunidade. Prefere falar uma palavra que se entenda do que 10 mil que ninguém entenda. A comunhão com Cristo impede radicalmente andar com as prostitutas (1 Cor 6,12-20).

Com a temática da Cruz Paulo desfaz as ilusões dos entusiastas e os confronta com as realidades concretas do tempo presente, onde vigora carne e sangue enquanto houver carne e sangue não haverá reino presente. O Reino já está aí com o batismo, a fé, a eucaristia, o *Pneuma*; mas também subsiste a carne com suas obras. A Cruz mostra o que pode a carne: matar

e levar a morte. Cristo foi morto por obra da carne. Daí o cristão deve viver uma dimensão ascética. A esperança na ressurreição não o transporta já para o mundo futuro; ele tem que viver sua esperança dentro do velho mundo, onde impera pecado; daí o dever de prudência, do seguimento humilde da Cruz, da renúncia, do cuidado pelos outros e do amor para com todos: fracos e fortes. Viver a Cruz assim, isso é experimentar poder e sabedoria de Deus (1 Cor 1,24).

A Cruz de Cristo se tornou a medida crítica para medir a sabedoria cristã que é como o amor que tudo suporta, tudo perdona, tudo crê, tudo espera, tudo desculpa; não é jactancioso, não se ensoberbece, não irrita, não guarda rancor; é paciente, benigno e compraz-se na verdade (cf 1 Cor 13,4-6). Na Cruz se decide a verdade do pensar cristão bem como o comportamento concreto do cristão. Na Cruz se discernem os espíritos e as práticas.

A pregação da Cruz ganha uma função escatológico-crítica: a Cruz não pode ser pulada por cima ou esvaziada (1 Cor 1,17); cf 12,3), nem considerada retrógrada, como algo do passado já passado (Gl 5,11), nem deve ser heroizada (2 Cor).

A Cruz nos obriga a aceitar uma outra sabedoria, a de Deus, que se apresenta não com grandiloquência, mas na capacidade de assumir as atividades quotidianas e as fraquezas. Quem, como os entusiastas de Corinto, desprezar os fracos e os que ainda estão no caminho do Espírito, deve também desprezar o Crucificado e amaldiçoá-lo como de fato o fizeram. Mas esquecem que foi nessa fraqueza que Deus revelou a força e a salvação. Porque o Senhor no mundo foi fraco, ele se comprometeu com os outros e deu a sua vida para os outros, tirando-os do isolamento e do desamparo. Ele não caminhou o caminho da liberdade dos outros, mas da liberdade para os outros. Por isso palmilhou o caminho do amor até o fim. Conseqüentemente. Nessa fraqueza de quem não podia nada, é que se manifestou uma força que é a própria do amor: de conquistar os corações e de introduzir uma verdadeira revolução salvadora. A morte e a Cruz constituem apelo para o seguimento. Sem a Cruz ficaria vazia de significado a realidade da ressurreição. Daí o empenho de Paulo de defender a Cruz como substância da fé cristã.²

Por isso podemos afirmar que “Paulo foi o primeiro escritor a abordar uma teologia da Cruz. Insistia em que a pregação do Evangelho coincide com a pregação da Cruz. Cruz e Evangelho, para Paulo, eram como que sinônimos. Para perceber isso, basta conferir 1 Cor 1,17.

Cabe à igreja, então, anunciar o “*Verbum Crucis*” = Evangelho da Cruz. Paulo, em torno da Cruz como força crítica para a sociedade de então, fez teologia. Ele foi o grande teólogo da Cruz. E a Teologia de Paulo consistia em criticar a estrutura da

2. Cf. Leonardo BOFF, *Paixão de Cristo, paixão do mundo*. Petrópolis, Vozes, 1977, p. 99-102.

sociedade, as ideologias filosóficas da época, o conceito existente de Deus (ao “Deus desconhecido”) e tudo na perspectiva crítica oferecida pela Cruz. Foi o centro de sua referência. Ufanava-se, inclusive, da Cruz do Senhor e por ela “checava” o sistema ideológico e social da época.

Mas a Cruz não era apenas instância crítica. Era, também, dinamismo, força construtora, salvação de Deus, Sabedoria... Para Paulo, toda a história humana, inclusive a criação, está centrada na Cruz (cf. Ef 1,3s).

Paulo não se deteve sobre a Encarnação. Não era o seu tema. Seu eixo de reflexão foi a Cruz e a Ressurreição. Não obstante, na epístola aos Filipenses, Paulo recolheu, das comunidades de culto que o cantavam nas celebrações, o belo hino passiológico (cf. Fl 2,5-11). Neste hino se proclama que o Verbo - *o Logos* - se fez Homem, humilhando-se e aniquilando-se totalmente. Não se trata de uma narração de fatos sobre o nascimento ou a encarnação de Jesus. É teologia, isto é, reflexão posterior ao fato da Encarnação visto sempre como humilhação, abaixamento, esvaziamento do Verbo que se fez Homem, assumindo a realidade humana. Nesta linha, S. Cirilo afirmava que, para Deus, a Encarnação foi uma humilhação e Santo Agostinho costumava dizer que a Encarnação foi mais humilhante que a Cruz.³

3. Hermínio GIL, *Encarnação e cruz*. Em VV.AA., *A cruz: teologia e espiritualidade*. São Paulo, Paulinas, 1984, p. 160-161.

4. G. MOIOLI, *Cristocentrismo*. Citado por Constante BROVETTO, *A memória da paixão de Jesus na história da espiritualidade cristã*. Em VV.AA., *A cruz: teologia e espiritualidade*. p. 16.

5. Constante BROVETTO, *o. cit.*, p. 16.

“Na epístola de São Paulo aos Gálatas e na epístola aos Hebreus existem duas teologias da Cruz, ou dois modos diversos de propor um cristocentrismo da Cruz e, por conseguinte, um projeto de existência cristã a isso coerente, para justificar o dever cristão de viver livres nos confrontos com a lei.”⁴

A epístola aos Hebreus, que prega a superação do antigo culto, orientou na prática a compreender a Paixão nas categorias culturais do sacrifício de expiação, de aliança etc.⁵ Segundo Leonardo Boff, a epístola aos Hebreus é uma das maiores produções teológicas do Novo Testamento.

Assim concluímos esta abordagem da contribuição paulina para o desenvolvimento de uma teologia da Cruz. Sabemos que o que foi aqui colocado não é tudo que Paulo escreveu sobre a Cruz e o crucificado. Muita coisa ainda poderíamos destacar, mas acreditamos que isto já é o suficiente para entendermos a teologia da Cruz a partir da ótica paulina. Paulo não ficará de fora nas abordagens seguintes, pois acreditamos que sua Teologia é a base para outras reflexões teológicas.

2. ENTENDER A CRUZ DE JESUS NA TOTALIDADE: MORTE E AFIRMAÇÃO DA VIDA.

É necessário entender a cruz na sua dimensão total, quer dizer: símbolo de vida e, ao mesmo tempo, de morte. Como sím-

bolo de morte enquanto faz referência a todas aquelas situações que impedem ao homem responder afirmativamente ao amor de Deus. Como símbolo de vida enquanto nela mesma se manifesta o poder de Deus, cuja máxima expressão é a ressurreição de Cristo, morto tragicamente no madeiro. Não é possível, nesta perspectiva, separar a cruz da ressurreição como momentos integrados nos quais se pode interpretar claramente a pobreza da condição humana que, impregnada pelo pecado e suas consequências, encontra em Cristo doloroso e crucificado o sentido de sua miséria e sua impotência, assumidas por quem quis carregar sobre si os pecados de todos, e a manifestação gloriosa do poder de Deus que ressuscita seu Filho para fazê-lo Libertador e Redentor.

Neste duplo momento de morte e ressurreição está encravado o mistério total da cruz de Jesus Cristo.

Por outra parte, num contexto global da história da salvação, a cruz tem chegado a ser sinônimo de sofrimento, de abandono, de desolação. Converteu-se igualmente em símbolo de contrariedade, de negação às aspirações legítimas que o homem tem para buscar e gozar sua felicidade no seu incessante compromisso de buscar o bem. A cruz tem sido apresentada em muitas ocasiões como um sério obstáculo para a expansão da vida. Considerando sua dupla dimensão é necessário afirmar que a cruz não é somente uma invenção humana, um lugar de suplício no qual os homens conseguiram libertar-se do Nazareno. É também, e sobretudo, a realidade que o Pai elegeu para manifestar-nos, e mais, para comunicar-nos seu grande amor. Nela Deus quis fazer-nos participar de sua própria vida. Nela quis que tivéssemos a oportunidade de reconquistar nossa liberdade perdida.⁶

Este homem conhecido como Jesus de Nazaré, com tudo o implica sua vida, sua personalidade e sua morte na cruz, contado como entre os muitos delinquentes que terminam na cruz, se converteu na razão de ser da existência de muitos homens que o seguiram e o reconheceram como o ponto de união entre Deus e a humanidade inteira ao longo de toda a história salvífica.⁷

Está aqui o porquê Cristo na cruz se converte no eixo central de toda a história da salvação que envolve a todos os homens de todos os tempos. A cruz de Jesus, depois de um longo processo de reconstrução, serve para dar luz sobre a obscuridade, em parte misteriosa, que envolve os princípios fundamentais da vida cristã, no meio da qual chega a ser símbolo da vida reconquistada por Jesus Cristo com sua morte da qual o homem cristão participa mediante a fé no Filho de Deus.⁸

Jesus Cristo transfigurou a dor e a encarnação à morte fazendo-as um ato de liberdade e de amor que se auto-entrega, um acesso possível a Deus e uma nova aproximação àqueles que o rejeitavam: perdoou e se entregou confiante a maior. Perdão é a

6. D. MONGILLO, *La croce di Gesù Cristo, fondazione di vita morale*. Em E.R.P.A.L., *A memória da paixão de Jesus*. Cajicá, 1986, p. 69.

7. W. Kurth, *La croce, simbolo e realtà*. Em *ibidem*, p. 99.

8. *Ibidem*, p. 99-100

forma dolorida do amor. Entrega confiante é a total descentração de si mesmo para alguém que nos ultrapassa infinitamente e arriscar-se ao Mistério, como portador último do sentido do qual participamos mas que não criamos. Esta chance é oferecida à liberdade do homem: pode aproveitá-la e então sossega na confiança; pode perde-la e então soçobra no desespero. Tanto o perdão quanto a confiança constituem as formas pelas quais não deixemos que o ódio e o desespero conservem a última palavra. É o gesto supremo da grandeza do homem.

Que morrer assim confiante e descentrado alcança o verdadeiro sentido revela-o a ressurreição, que é a plenitude de manifestação da vida presente dentro da vida e da morte. O cristão só pode afirmar isso olhando para o crucificado que agora é vivente.

Morrer assim é viver. Dentro desta morte de cruz há uma vida que não pode ser tragada. Ela está oculta dentro da morte. Não vem depois da morte. Está dentro da vida de amor, de solidariedade e de coragem de suportar e de morrer. Com a morte ela se revela em sua potência e em sua glória. É isso que exprime S. João quando diz que a elevação de Jesus na cruz é glorificação, que a <<hora>> é tanto a hora da Paixão quanto a hora da Glorificação. Vigora, portanto, uma unidade entre Paixão e Ressurreição, entre vida e morte. Viver e ser sacrificado assim por causa da justiça e por causa de Deus é viver.

Daí a mensagem da Paixão vem sempre junto com a mensagem da ressurreição. Os que morreram insurretos contra o sistema deste século e se recusaram a entrar <<nos esquemas deste mundo>> (Rm 12,2), estes são os ressuscitados. A insurreição por causa de Deus e do outro é ressurreição. A morte pode parecer sem-sentido. Entretanto ela é que tem futuro e guarda o sentido da história.⁹

9. Leonardo BOFF, *o. cit.*, p. 161.

“Viver a Cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo implica numa mística de vida. Esta mística assenta sobre um mistério: o mistério de uma vida que se gera onde aparece a morte, o mistério de um amor onde se manifesta o ódio. A cruz resume tudo isso.

Por outro lado é o símbolo do mistério da liberdade humana rebelada: é produzida pela vontade de rejeição, de vingança e auto-afirmação até a eliminação do outro. É aquilo que o homem pode quando se recusa Deus. É, pois, o símbolo do homem decaído, do não-homem. É símbolo do crime. Por outro lado, é símbolo do mistério da liberdade humana em seu poder: quando suportada dentro de um engajamento para superá-la e torná-la ainda mais inviável no mundo, a cruz é símbolo de outro tipo de vida, descentrada de si mesma, vida do profeta, do mártir, do homem do Reino de Deus. Não provoca a cruz, mas suporta; não apenas a suporta mas também a combate e ao combatê-la é feito

vítima, sendo crucificado pela sanha daqueles que endureceram o coração face ao irmão e a Deus; sendo crucificado pode transfigurá-la, fazendo-a sacrifício de amor pelos outros. É, pois, símbolo do homem novo e vivente. É símbolo de amor.

Cada Cruz contém uma denúncia e um apelo. Denuncia o fechamento humano sobre si mesmo a ponto de crucificar Deus. Apela para o amor capaz de tudo suportar, a ponto de o Pai entregar o seu próprio Filho á morte por seus inimigos. A cruz apresenta-se assim como essencialmente ambígua. Manter permanentemente esta ambigüidade é condição para preservar seu caráter crítico, acrisolador tanto da pretensão de autoafirmação humana quanto de nossa imagem de Deus, impassível à dor dos crucificados da história.

Este paradoxo da cruz não se estende pela razão formal nem pela razão dialética. Está para além do logos abstrato. É a lógica da cruz (1 Cor 1,8). A aproximação da lógica da cruz não se faz senão pela práxis: combatendo e assumindo a cruz e a morte. A práxis revela o que se esconde no drama da cruz e da morte: sentido último da vida.¹⁰

10. Ibidem, p. 163-164.

3. FAZER MEMÓRIA: LER NA MORTE A RESSURREIÇÃO.

Fazer memória significa ler, na morte, a Páscoa (ressurreição). Não colocar a Páscoa depois da morte como que separadas ou aparecendo uma após a outra, sucessivamente. Não se deve entender a morte como algo superado pela Páscoa. Em outras palavras: a Páscoa não é a superação da morte, Páscoa não deixa a morte “para trás” como algo superado, mas é a revelação, a manifestação da morte. Páscoa é descobrir a vida que está no interior da morte.

Assim como os discípulos perguntaram a Jesus: “Mestre, onde queres que celebremos a Páscoa?” (Mt 26, 17), assim também devemos perguntar: Senhor, onde queres que recordemos e celebremos a Páscoa? E certamente escutaremos a resposta: Eu quero que vocês celebrem a Páscoa na Paixão e Morte!

Na perspectiva da Espiritualidade da cruz, o seguimento de Jesus se traduz em segui-lo como quem morre. Para tanto, porém, é necessário saber fazer uma leitura cristã da morte de Jesus. Descobrir na morte a Páscoa como plenitude de vida, como vida definitivamente instalada na existência. Por isso - repito - a Páscoa não é um acontecimento que ocorre depois e separadamente da morte. O que ocorreu depois, ao terceiro dia, foi a plenitude da manifestação da Páscoa. Por isso, Paulo perguntava: “*Onde está a morte, teu aguilhão? onde tua vitória?*” (1 Cor 15, 55). Há um canto, na Argentina, que diz: “*Morte, sabes um segredo? Quando matas, vida dá!*” Na plenitude da morte, a plenitude da vida.

Algo assim como na primavera: Abrem-se os botões e entregam a vida, gestada na aparente morte do inverno.

A vida é o que de melhor alguém pode dar a seu semelhante. Posso dar o meu tempo, uma coisa, um conhecimento, porém, a vida é o máximo que se pode dar por e a alguém. Essa é a maravilhosa capacidade que a Palavra de Bênção colocou no homem, cuja definição adequada poderia ser esta: Ser capaz de dar a vida por seus semelhantes. Essa é a máxima estatura do homem. Quando alguém se realiza é sinal de que vive em plenitude. Por isso que, saber ler tudo isso na morte de Jesus, é descobrir a vida pascal.

Mas a morte de Jesus tem também o sentido de que a maldição se transformou em Bênção. O crucificado, com efeito, é o Ressuscitado Daqui que “fazer memória da morte de Jesus é aproximar-se da cruz com um olhar contemplativo, que é o da fé e o do coração. Dá fé: só com ele, penetra-se no sentido mesmo do mistério da morte que contém a vida. Do coração: é olhar que tem a capacidade de deixar-se “tocar”¹¹

11. Eugênio DELANEY, *Sentido da morte de Jesus*. Em VV.AA., *A cruz, teologia e espiritualidade*, p. 136-137.

Neste horizonte do fazer memória, recordo aqui a abordagem de Leonardo Boff que comenta o pensamento de J. B. Metz sobre a “Memória Passionis”. Diz ele que *“a partir de 1969 fala-se da memória passionis que invoca um novo método de fazer teologia, a teologia narrativa, contrabalancada a teologia argumentativa. O conteúdo da fé cristã não pode ser articulado somente dentro de um horizonte concordista e argumentativo, nem tampouco num método dialético para equacionar os problemas e contradições de ordem histórica e social. Subsiste sempre uma dialética negativa que não é assumida numa síntese ultrapassante. Em outras palavras: há um mal que não é bem para nada. É pura iniquidade e maldade. A história dos matados e injustiçados não pode ser refeita. Eles ficam na história como permanente denúncia ao homo emancipator, ao homem que pretende fazer um progresso linear e sem sacrifícios. É aqui que entronca a memória passionis, a memória perigosa e subversiva dos humilhados e ofendidos, dos que foram vencidos e que pode despertar perigosas visões, encabeçar novos movimentos libertadores... Jesus é narrado dentro de uma memória assim. Não se argumenta. Conta-se a história. Esta história rompe toda as totalidades que querem inserir o mal, a dor, o pecado como função dentro de um mecanismo maior. Há uma negatividade que não se deixa enquadrar. Ela não tem sentido. Mas pode ter futuro. É o que se revelou em Jesus Cristo ressuscitado. Um crucificado, absurdamente matado, é que ressuscitou e assim respondeu ao enigma da história: os matados, desde o começo do mundo, vivem com Jesus. A memória passionis se transforma então em memória resurrectionis. Esse futuro mostra que o sentido não constitui apenas um potencial dos vencido-*

res e arrivistas. Na ressurreição se mostra um outro sentido que é futuro daqueles que foram a massa damnata, os esquecidos e barrados da história. Assim a Igreja que une as duas memórias não é uma comunidade argumentativa, mas narradora, atualizadora de recordações e memória viva. É o evangelho vivo dentro de sua vida. Mas deve saber contar e narrar, saber recordar e rememorar de tal sorte que signifique o desmascaramento das ideologias totalitárias. O pensar argumentativo não é dispensado de sua função: serve de apologética para defender a narração e continuamente atualizá-la.¹²

12. Leonardo BOFF, *o. cit.*, p. 133-134.

Temos aqui a idéia central do fazer memória da Paixão. Não é recordar simplesmente por piedade ou saudosismo, mas o recordar para transformar, para denunciar realidades como esta de dor, sofrimento e morte que não podem continuar acontecendo. Quando fazemos memória da Paixão estamos assumindo a causa que Cristo assumiu e que levou a morte de Cruz: a causa dos crucificados da história. Quando fazemos memória estamos vendo na morte a ressurreição. A memória está na voz dos profetas que denunciam e anunciam. Denunciam situações de cruces e anunciam transformações. Dentro de cada denúncia contém-se um anúncio. Isto é fazer memória, como nos mostra bem um canto popular:

*“Se calarem a voz dos profetas,
as pedras falarão.
Se fecharem uns poucos caminhos,
mil trilhas nascerão.
Muito tempo não dura a verdade,
Nestas margens estreitas de mais.
Deus criou o infinito para a vida ser sempre mais.
é Jesus este pão de igualdade.
Viemos pra comungar
Com a luta sofrida do povo que quer ter voz,
ter vez, lugar...
Comungar é tornar-se um perigo,
viemos pra incomodar.
Com a fé e a união, nossos passos um dia vão chegar”.*¹³

13. Canto religioso popular de autor desconhecido.

Neste clamor profético da *memória passionis*, acreditamos que, *diante de milhões de irmãos que em nossos países vivem em situações de grande pobreza e marginalização, a Igreja faz memória da Paixão quando preferencialmente opta pelos pobres, para acompanhá-lo em seu processo de libertação em direção a um nível mais digno de vida que torne mais acreditável a verdade do evangelho.*¹⁴

14. Cf. E.R.P.A.L., *A memória da paixão de Jesus*, p. 47.